

RELATÓRIO DUM ESTÁGIO EM MUSEUS DE ARTE NO BRASIL

Maria da Conceição Alves de Freitas

INDICE

1 - INTRODUÇÃO

I PARTE - S. PAULO

1. SIMPÓSIO INTERNACIONAL
2. ESTÁGIO NO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA USP
3. MUSEU LASAR SEGALL E INSTITUTO BUTANTÃ
4. OUTROS MUSEUS

II PARTE - RIO DE JANEIRO

1. ESTÁGIO NO MUSEU DA FUNDAÇÃO CASTRO MAYA
2. TRÊS MUSEUS

III PARTE

VISITA ÀS CIDADES HISTÓRICAS: OURO PRETO, MARIANA E PARATY

CONCLUSÃO

INTRODUÇÃO

Ao iniciar o 2º. ano do curso de Pós-graduação em Museologia Social, no ISMAG (Instituto Superior de Matemáticas e Gestão), pôs-se a possibilidade de frequentar um estágio, proporcionado pela própria instituição, que tem acordos de intercâmbio, no Canadá e Brasil.

Foi o Brasil que mais interesse me despertou devido à facilidade na compreensão verbal bem como a curiosidade que tinha em conhecer um país com uma diversidade tão grande de culturas. No entanto, devido à contigência de me deslocar sozinha não optei pelo Museu de Antropologia de Goiânia, com o qual já existia acordo, pois este situa-se no Estado de Goiás, num local distante onde não conhecia ninguém. Para além dos motivos já apontados outro motivo me levou a procurar outro tipo de instituição. Sendo formada em arte e não em Antropologia é natural que me interesse mais por conhecer museus de arte e saber qual a maneira como resolvem o problema do sector educativo.

E assim, após uma conversa com a Museóloga Cristina Bruno do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de S. Paulo, a fazer, também ela, um estágio em Museologia em Portugal no ano de 1993, foi possível decidir quais os museus mais adequados para o estágio que e propunha desenvolver. Tendo posteriormente e através da Crsitina Bruno contactado os Museus de Arte Contemporânea da Universidade de S. Paulo e a Fundação Castro Maya do Rio de Janeiro, cujos responsáveis, a Dr^a. Ana Mae Barbosa e o Dr. Carlos Martins através da Directora da Divisão de Educação Vera Novis e da Directora em Exercício Vera Sencar, respectivamente, puseram as suas instituições à disposição para a frequência dos estágios nos museus referidos.

Foi enviado o currículo pessoal bem como um projecto elaborado na condição de professora do 2º. ciclo do Ensino Básico na disciplina de Educação Visual e Tecnológica e a concluir a pós-graduação em Museologia Social e, estando interessada em trabalhar as duas componentes da formação académica.

Do projecto constava a criação de um Clube de Património para funcionar no ano lectivo 1993/94, na escola onde lecciono, e, como actividade extracurricular. Após a aceitação do estágio nos dois museus foi enviado um calendário o qual teve de ser ajustado na chegada ao Brasil, da seguinte forma:

De 4 a 12 de Outubro/93 - Participação no Simpósio Internacional; "O processo de Comunicação nos Museus de Arqueologia e Etnologia".

De 13 a 29 de Outubro/93 - Estágio no Museu de Arte Contemporânea da USP e ainda visita à cidade assim como a outros Museus.

Dias 30/31 de Outubro e 1 de Novembro - Visita às cidades históricas de Ouro Preto e Mariana.

De 3 a 12 de Novembro/93 - Visita a Paraty, cidade histórica.

Todas estas actividades serão descritas e analisadas no âmbito do relatório.

I PARTE - S. PAULO

1. SIMPÓSIO INTERNACIONAL

Participação como observadora no Simpósio Internacional: "O Processo de Comunicação nos Museus de Arqueologia e Etnologia", organizado e conceptualizado pela Prof. Cristina Bruno do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de S. Paulo. Os objectivos definidos eram os seguintes:

1. Discutir os problemas inerentes ao processo de comunicação museológica, a saber:

- divulgação da pesquisa científica através das exposições;
- interdisciplinaridade como processo de trabalho;
- colecções arqueológicas/etnográficas e divulgação científica através dos museus;
- trabalhos extra-muros com enfoque para o património regional.

2. Abordar as questões relacionadas à formação de pessoal para o desempenho de projectos de comunicação museológica visando à preservação do património.

3. Desenvolver os conceitos da Nova Museologia.

4. Discutir as perspectivas da política museológica do MAE com outras instituições congéneres. (in. programa do Simpósio).

Tendo assistido com atenção e interesse a praticamente todas as sessões de trabalho, foi possível ir tomando conhecimento através das comunicações do trabalho desenvolvido em vários museus, projectos em curso e sua eficácia. De uma forma geral o trabalho do Simpósio foi positivo e interessante, no entanto em relação ao principal objectivo do Simpósio; a discussão dos problemas inerentes ao processo de comunicação nos museus, este tema foi tratado

superficialmente, não tendo conseguido ser o grande tema aglutinador do qual seria necessário tirar conclusões de como efectivamente levar à prática a comunicação em Museologia.

2. ESTÁGIO NO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO

O Museu de Arte Contemporânea da USP reúne uma importante colecção de arte (com cerca de 5 000 obras), tanto brasileiras, como internacionais, do séc. XX. O Museu tem uma exposição permanente de parte do seu acervo e promove periodicamente exposições temporárias e ainda cursos, conferências, debates, programas musicais, performances e video-arte, palestras e visitas guiadas para escolas. O Museu está instalado em dois espaços diferenciados, um no Parque de Ibirapuera, no edifício da Bienal, o outro na Cidade Universitária.

Iniciei o estágio no dia 13/10 com a participação numa reunião da Divisão de Educação, como directora da mesma Vera Novais, onde fui apresentada aos vários elementos da equipa da divisão e onde foi possível ter um primeiro contacto com os projectos que estavam a ser desenvolvidos.

No dia 14, foi possível visitar e tomar conhecimento da estrutura do Museu no Parque de Ibirapuera. Neste espaço estavam instaladas várias exposições as quais visitei e me inteirei dos projectos consequentes pela responsável desta secção do museu Elly Ferrari.

É nesta secção do museu que são ministrados alguns cursos, cursos de Extensão e Difusão Cultural. Estes cursos são dados por professores convidados, por vezes estrangeiros, não têm corpo docente fixo. Na área da museologia tem promovido cursos sobre educação em museus, documentação, catalogação, organização de exposições, conservação e restauro.

Tem também cursos de Arte partindo da metodologia da Gety Foundation, chamada DBAE-Disciplined Based Arte Education. Os professores também são convidados. Por vezes têm dois professores,

um brasileiro e outro estrangeiro. Nestes cursos há trabalho de atelier para além da informação em história de Arte.

O Museu tem um público que ronda as 9 000 pessoas por ano, as exposições temporárias que apresenta são geralmente programadas e realizadas através de um trabalho conjunto das divisões de educação, de ciência e de exposições temporárias. O serviço de atendimento ao público está directamente ligado com as divisões de educação e ciência de onde dependem os vigilantes, com os quais é sempre feito um trabalho de preparação para as visitas.

Os orientadores das visitas ou arte educadores atendem as escolas acompanhados dos estagiários. As visitas para as escolas obedecem a uma metodologia, iniciada em 1986. A "metodologia triangular do ensino da arte": relacionam a Produção ou Fazer/Artístico, a Leitura da Obra de Arte e a História de Arte ou informação histórica. Estimulam a leitura dos elementos da imagem com a linha, a forma e a cor (Alfabeto da imagem). Dão a informação histórica sobre a arte e propõe ou estimulam a continuação da exploração da mesma através do fazer artístico na escola.

Quando os arte-educadores não estão disponíveis para guiarem uma visita, os professores que a solicitaram são convidados a orientarem eles a visita. Mas, para que os objectivos já definidos não se percam, foi criado um roteiro para professores, e, estes fazem uma visita prévia seguindo as regras do roteiro.

Após estas breves informações dadas pelas arte-educadoras: Christina Rizzi e Amanda Tojal sobre o museu e a sua actividade no campo da educação foi-me proposto um calendário para assistir aos vários projectos em curso no sector educativo. Fiquei ainda com tempo livre para visitar outros museus. No MAC participei em várias actividades como observadora, visto o tempo de estágio ser curto. As actividades no sector educativo também estavam a concluir, com aproximação do Verão e do final do ano escolar.

Uma das primeiras actividades onde participei foi numa aula do curso de educação em museus, leccionada pela arte-educadora Christina Rizzi. Nesta aula foi distribuído aos alunos um texto sobre "A Política Cultural do MAC" escrito pela directora do Museu a Dr^a.

Ana Barbosa e ainda um outro texto sobre uma exposição realizada no Museu da Casa Brasileira "Leitura de Fragmentos" que serviu de experiência para a arte-educadora Christina Rizzi escrever a sua dissertação de mestrado. Este texto tinha como objectivo "registrar e reflectir passo a passo o processo da construção de conhecimento sobre o Museu e a sua especificidade, efectivado pela equipa técnica do Museu, quando da necessidade de montar uma exposição utilizando objectos da própria colecção. O instrumento de critica escolhido foi o "Image Watching" proposto pelo Prof. Dr. Roberto William Ott da Penn State University, Estados Unidos". Este sistema é composto por uma actividade de "*aquecimento*" seguida de cinco categorias que devem ser cumpridas em sequência e respondidas em sua especificidade: a primeira é descrevendo e o visitante é convidado a descrever somente o que vê; a segunda é *analizando*; a terceira é *interpretando* a qual já tem a ver com uma posição pessoal, a quarta categoria é *fundamentando*; e a quinta e última categoria é *revelando*, esta é a etapa da criação e resposta a todo esse processo. Em uma actividade de critica artística a resposta será outra criação artística, usando qualquer uma das linguagens ou suportes existentes no universo da arte contemporânea". Este texto foi entregue aos alunos com o objectivo destes o analisarem e na aula seguinte o aplicarem a uma das exposições patentes no MAC.

Na divisão educativa estavam em curso três projectos distintos: "DE OLHO NO MAC", "O TOQUE REVELADOR II" e o PROJECTO 3ª IDADE".

"DE OLHO NO MAC" é um projecto de atendimento, com visitas orientadas para as escolas e particulares. Para este projecto os educadores elaboraram um livro de apoio às visitas fundamentado no método que integra a apreciação estética, história da arte e práticas de representação na linguagem visual. Este livro têm textos, exercicio e reproduções de algumas obras de arte em exposição, que visam facilitar os primeiros contactos do observador com as obras. Acompanhei uma visita de alunos de uma escola privada, do nível

etário 10/13 anos. Ao iniciar a visita foi-lhes distribuído o livro "DE OLHO NO MAC", e, ao orientador da visita, após propor às crianças que se sentassem no chão, desenvolveu uma conversa, abordando os seguintes pontos: quis saber quem já tinha visitado aquele museu ou outros, depois explicou a diferença entre um museu de arte e outro tipo de museus, o que é que um museu de arte contém, o que é modernismo, e, finalmente como é que as crianças se devem comportar no museu. Após esta conversa foram divididos em dois grupos com cerca de 20 alunos cada e cada grupo foi acompanhado por uma arte-educadora e uma estagiária. As crianças foram deixadas à vontade com a possibilidade de observarem as obras a seu belo prazer, só pontualmente a sua atenção era solicitada para alguns pormenores interessantes em algumas obras.

Frente ao quadro "A Negra" de Tarsília as crianças foram convidadas a sentarem-se e esta obra foi-lhes descrita com pormenor desde a história dos artistas modernistas Europeus ao modernismo Brasileiro, bem como a explicação do cubismo, as cores, as formas, a figura e a história da escravidão no Brasil. Finalmente foi referido o livro "DE OLHO NO MAC" e os exercícios propostos. Após esta paragem as crianças continuaram a ver a exposição e só voltou a ser chamada a sua atenção junto a um núcleo de esculturas do projecto "O TOQUE REVELADOR II". O projecto foi-lhes explicado e as crianças ouviram com muita atenção, e assim terminou a visita. Não foram convidadas para experimentação prática, por falta de espaço no atelier.

Em relação ao projecto "O TOQUE REVELADOR II": Esculturas em Bronze, o qual dá continuidade ao "Projecto Museu e a Pessoa Deficiente", é uma amostra de 10 esculturas pertencentes ao acervo do Museu que formam um "percurso táctil". Este projecto coordenado pela arte-educadora Amanda Tojal, já se desenvolve desde 1991, com "O TOQUE REVELADOR I".

Antes de iniciar este trabalho, a educadora Amanda, estagiou em instituições de deficientes, programou aulas de dois ou três meses que leccionava nas próprias instituições. É necessário que se diga que as instituições para crianças no Brasil, são instituições públicas muito

carenciadas, onde nem transporte para as crianças existe, não há professores com especialização em ensino especial, isto segundo as informações da educadora Amanda.

Atualmente, Amanda Tojal, prepara as exposições objectivamente para as crianças deficientes, visuais, auditivos, mentais e físicos, as peças escolhidas são peças que não têm grandes problemas de se deteriorarem ao serem tocadas, apesar dos cuidados que são observados em cada visita. Amanda Tojal em conjunto com as estagiárias constrói o material didático em relevo e com cores fortes, para que as crianças possam antes de "tocar" as peças entender o que são as formas, linhas, texturas. Monta a exposição tendo sempre em conta os vários tipos de deficiências das crianças, a possibilidade delas se moverem através de cadeira de rodas, o espaço que rodeia as esculturas, o cuidado com as legendas, grandes, simples e em Braille. A segurança das peças também tem de ser acautelada, através de um suporte estável que não deixe dúvidas quanto à possibilidade de caírem, apesar de algum toque mais brusco.

Ao iniciar-se a visita (no caso, foi possível observar e participar numa visita de 20 crianças deficientes visuais) primeiro foi-lhes apresentado o museu, e, explicado que tipo de acervo tem um museu de arte, qual a diferença entre pintura e escultura, seguiu-se a identificação do material didático que consta de pranchas com formas geométricas em relevo e formas vazias irregulares ainda texturas diversas. As crianças participaram interessadas e de uma maneira geral mostraram conhecer as formas mostradas. Posteriormente foi entregue a cada duas crianças uma prancha com a silhueta de uma das esculturas expostas, para que eles pudessem tocar as esculturas e reconhecer a forma tridimensional representada na prancheta. Foi interessante observar como as crianças participaram entusiasmadas. Após esta fase as crianças passaram para um atelier onde lhes foi proposto construir uma forma idêntica às observadas ou outra à sua vontade, em argila. Foi curioso descobrir como crianças invisuais construíram, com um grande entusiasmo, formas tão expressivas. Finalmente foi-lhes oferecido um catálogo escrito em Braille, o qual foi recebido com tanta curiosidade, interesse e

agradecimento que me deixou espantada, bem como à equipa do museu, os quais se sentiram extremamente gratificados. Por esta pequena amostra, este projecto pareceu-me bem conseguido, as crianças participaram com entusiasmo e interesse e finalmente no trabalho executado em atelier, mostraram ter interiorizado as formas que tinham tocado.

Projecto 3^a. Idade, este projecto foi-me transmitido em linhas gerais pelo seu coordenador, educador Sílvio. As pessoas interessadas inscrevem-se semestralmente no projecto, para o qual tem de contribuir monetariamente.

A partir daí reúnem-se todas as semanas a um determinado dia e hora, o coordenador, após uma visita às exposições patentes no museu, propõe-lhes a escolha de uma obra, a qual deve ser observada atentamente, numa tentativa de a conhecer o melhor possível. Posteriormente no atelier recriam outras formas, próprias, bi ou tridimensionais, partindo da que escolheram.

No final de cada ano é realizada uma exposição com os melhores trabalhos. Essa exposição é depois levada a outras cidades onde o grupo, com o coordenador, se desloca em visita cultural.

Este projecto já deu lugar ao aparecimento de novos artistas plásticos que expõe as suas obras em galerias, e alguns por vezes conseguem mercado para o seu produto criativo.

Em relação a este projecto os intervenientes estavam muito entusiasmadas por conseguirem criar objetos com as suas próprias mãos. Nas conversas informais, com os vários elementos do grupo foi referido o interesse pela actividade bem como a descoberta de uma realização pessoal com a qual tinham sonhado, durante a sua vida de trabalho, em outras actividades desinteressantes.

3. MUSEU LASAR SEGALL E INSTITUTO BUTANTÃ

Foi possível visitar dois outros museus o Lasar Segall e o Instituto Butantã cujos sectores educativos tem um trabalho na mesma linha do MAC, embora com as devidas diferenças tanto pelo tipo de museus como pelas possibilidades económicas.

O Museu Lasar Segall é um museu dedicado à obra do pintor com o mesmo nome. Segall era um judeu nascido na Rússia durante o domínio Czarista. Estudou artes plásticas na Alemanha, onde casa pela primeira vez e se fixa. Em 1912 expõe no Brasil, S. Paulo e Campinas (1^{as}. manifestações modernistas no país), mas volta para a Alemanha onde participa em vários movimentos modernos.

Em 1924 volta para o Brasil onde se fixa definitivamente, e volta a casar-se, tendo deste casamento nascido dois filhos. Naturaliza-se Brasileiro, sem no entanto esquecer as suas origens. Alguns temas pintados por Segall reflectem uma preocupação pelo povo de origem, as guerras a que foram sujeitos e a imigração. Segall deixou uma obra enorme entre pinturas, esculturas, desenhos e gravuras.

O acervo do museu é constituído por grande parte da sua obra, doada em parte pelos seus filhos, herdeiros por excelência da maioria dos seus trabalhos. Lasar Segall conseguiu manter até ao fim da sua vida (em 1957) a maior parte da sua produção artística, como resultado duma situação económica desafogada. Para além da sua própria obra, Segall reuniu ainda um extenso arquivo documental e fotográfico, os quais também fazem parte do acervo do museu.

O principal objectivo deste museu é a conservação e divulgação da obra de Lasar Segall e também se propõe ser Casa de Actividades Culturais. As actividades culturais que desenvolve são bastante diversificadas e são apoiadas por uma biblioteca especializada em teatro, cinema, fotografia, rádio, televisão e Museologia, têm um arquivo com a documentação sobre a vida e obra de Lasar Segall. Assim no Departamento de Actividades Criativas, existem oficinas livres e cursos de iniciação à gravura em metal e xilogravura; na Divisão de Criação Literária e aquisição de técnicas de expressão e ainda laboratórios de redacção e texto teatral; na Divisão de Fotografia existe uma oficina de fotografia com laboratório; na Divisão de Música foi criado o "Coro do Museu Lasar Segall" que se define como coro escola; na Divisão de Cinema promovem ciclos de filmes. Promovem ainda às Quartas-feiras: Conversas no Segall", com o objectivo de discutir informalmente questões de Arte e Cultura. É ao Departamento de Museologia e Exposições que cabe a divulgação da

obra de Segall. Na altura em que visitei o museu estava patente ao público uma exposição de obras de Segall, o tema tratado era "O Tempo em Segall". O objectivo da exposição era a problemática do "tempo" nas obras do artista, o qual tratou com alguma preocupação de ciclos de vida: o nascimento, a infância, a velhice e a morte.

Para esta exposição o museu oferecia visitas guiadas com marcação prévia, promovidas pela Divisão de Acção Educativa-cultural. Na conversa que tive com a responsável desta divisão, Denise, foi-me explicada a política definida para esta área. A partir de 1988 com a reformulação do Regimento Interno do Museu o Serviço Educativo passou à categoria de Divisão. Esta reformulação deu lugar a mais autonomia, para o que contribuiu, primeiro, o aumento de pessoal incluindo a contratação de mais educadores, os vigilantes passaram a fazer parte do Serviço Educativo e passaram a auxiliar nas visitas guiadas; em segundo lugar, foi alargado o espaço, ampliaram-no através da incorporação da casa vizinha do Museu cedida pela Associação Cultural de Amigos do Museu. No dia 25/10/93 foi inaugurado mais um espaço dedicado à Divisão de Acção Educativa, com a cobertura da antiga piscina, sucedendo-lhe um atelier para as actividades com as escolas.

Tem sido desenvolvidos vários projectos com o público escolar e também com outro tipo de público. Um dos primeiros trabalhos desenvolvidos sobre a égide desta nova política, foi uma experiência com um grupo de Judeus imigrantes, que residem na Sociedade Religiosa Beneficentes Israelitas "Lar dos Velhos". Só trabalharam com aqueles que se podiam mover, e tinham visão, este projecto durou um ano. Os idosos relataram a sua história para a instituição que as registou em vídeo, segundo três critérios: a história de origem; as razões da emigração e a chegada ao Brasil. A partir destas histórias foi realizada uma exposição no Museu.

Quanto ao público escolar foram desenvolvidas e aprofundadas novas directrizes do ensino da arte, através dos seminários promovidos pelo Museu de Arte Contemporânea da USP, do professor Robert William Ott, já referido anteriormente; bem como a sua adaptação por Ana Mae Barbosa sob a denominação de "Metodologia

Triangular do Ensino da Arte", desenvolvendo a história de arte, a produção artística e a leitura da obra de arte.

Em ligação com o Departamento de Museologia foi possível realizarem três exposições: "A criança vê Segall" "Retratos de Emigrantes" e "Lasar Segal": Três exercícios de Leitura".

Quanto à exposição patente "O Tempo em Lasar Segall" foi possível acompanhar uma visita guiada. As crianças eram provenientes de um colégio particular, o qual tinha um trabalho regular com o Museu. Grande parte dos alunos já conhecia o Museu, a história do artista e alguns dos quadros expostos. O número de alunos era de 28. A coordenadora do projecto Denise, iniciou a visita com um diálogo com as crianças sobre Lasar Segall, nessa altura as crianças que já tinham alguns conhecimentos sobre Segall e a sua obra foram dando explicações aos restantes, incentivados pela educadora Denise.

Seguidamente as crianças foram convidadas a ver os quadros, à sua vontade, só pontualmente lhes era chamada a atenção para algum pormenor, ou eram elas próprias que faziam perguntas. A partir de certa altura a atenção das crianças foi solicitada para dois quadros diferenciados. O primeiro com o nome de "Pogrom" (1936/37), nome judeu, que quer dizer "destruição" é um tema desenvolvido por Segall sobre as "Visões de Guerra", o quadro foca a destruição de um Guetto Judeu na Revolução Soviética. As crianças motivadas foram descobrindo os vários elementos que compunham a obra: os símbolos, as posições das figuras, a técnica, a cor, a luz, a história e o problema social. O segundo quadro era completamente diferente, tratava-se de uma tentativa do artista para a abstracção, com o nome de "A Floresta", era composta por troncos de árvores verticais. Com esta obra também foi explorada a cor, o tema, a diferença de estilo, a tentativa de abstracção, a verticalidade e também a destruição da floresta.

Após esta conversa com as crianças foi-lhes proposto a passagem para o atelier e a exploração do team "A Destruição da Floresta". No atelier foi posta à sua disposição material de pintura e papel. Os resultados obtidos foram muito interessantes.

MUSEU DO INSTITUTO BUTANTÃ

O Museu Instituto Butantã é um museu de história natural que exhibe serpentes, aranhas e escorpiões. A temática das exposições, desde 1984, tem como objectivo a educação ambiental. Os responsáveis pelo sector educativo não têm dinheiro para ter educadoras disponíveis com o objectivo de guiarem as visitas. O seu trabalho desenvolve-se de acordo com os museus atrás citados, o MAC e o Museu Lasar Segal. Assim e através da observação das crianças que visitam o Museu sentiram a necessidade de mudar o tipo de exposição bem como as legendas, estas eram muito científicas, não motivando nem crianças, nem o público leigo. Decidiram então "vestir a pele da serpente", como é referido no folheto sobre "Animais peçonhentos ensinam educação ambiental". Deram oportunidade aos animais de falarem sobre eles próprios. Na Exposição que está montada: "Na Natureza Não Existem Vilões", são os animais que conversam com as crianças, através de legendas com uma linguagem simples, na primeira pessoa, escritas à mão, as letras são típicas de Banda Desenhada e estão colocadas a uma altura de 1.40m, à altura de 1,70m, estão colocadas outras legendas com uma linguagem científica para os visitantes interessados. Têm também vídeos que mostram alguns aspectos da vida destes animais, difíceis de observar porque são animais tranquilos, mantendo-se a maior parte do dia parados. Assim, é possível ver aspectos da sua locomoção, alimentação e reprodução.

Os deficientes têm um programa especial que permite o toque nos materiais e contacto com alguns animais vivos. Não me foi possível observar nenhuma visita das crianças deficientes, no entanto observei o interesse que esta exposição provocou numa classe de adolescentes que visitavam a exposição ao mesmo tempo que eu observava e fotografava.

4. OUTROS MUSEUS

MASP. Museu de Arte de S. Paulo

Ao visitar o MASP, o qual têm uma exposição permanente com as obras do acervo, o qual é constituído fundamentalmente por obras de autores estrangeiros, principalmente europeus.

A exposição está montada numa forma que pessoalmente me desagradou, os quadros estão apoiados em placas de vidro umas atrás das outras. As legendas estão colocadas nas costas do quadro, o que é pouco eficaz.

O Museu debate-se com falta de verbas, pelo que não têm sector educativo, assim foi elaborado um pequeno folheto com o objectivo de informar os professores como devem planejar a visita com os seus alunos: "Escolas no MASP, guia de orientação ao professor".

MAM-Museu de Arte Moderna. Este Museu não tinha exposição permanente, mas uma exposição retrospectiva de uma folha literária de um jornal de S. Paulo. Exposição simples sem pretenciosismo mas interessante e bem montada. Este Museu situado no Parque de Ibirapuera têm também uma exposição de esculturas de ar livre.

Museu Paulista - Museu de História de S. Paulo, pertence à Universidade de S. Paulo. É um museu velho, sem uma política definida bem como o programa. As exposições, nalguns casos são trabalhos de pesquisa pontuais desligados entre si e que provavelmente noutro contexto, integrados numa programação poderiam ser interessantes. O Museu tem um grande acervo, constituído por trajes, mobiliário, porcelanas, carruagens, armaduras, objectos ligados à política, pinturas históricas, esculturas, armas e ainda uma sala com objectos da cultura dos Índios de várias regiões do Brasil. É preciso que se diga que é um dos museus mais visitados de S. Paulo.

MUSEU de Stº. ANDRÉ, na região do ABC e Vila Museu de Paranapiacaba

A região do ABC, assim designada devido aos respectivos nomes dos seus municípios: Stº. André, S. Bernardo e S. Caetano. É uma região fortemente industrializada, cujos operários mantêm um movimento sindicalista muito importante que contribuiu para o desenvolvimento cultural do município. O Museu está directamente ligado à história desta região, o seu acervo é constituído por objectos das indústrias, do comércio e também das várias profissões, para além destes objectos possuem uma enorme colecção de fotografias das várias actividades da região.

No momento da visita estava montada uma exposição fotográfica sobre Paranapiacaba e o Caminho de Ferro. Havia também uma exposição permanente de objectos que fizeram parte da história da cidade bem como a reconstituição de duas lojas do princípio do século.

Em conversa com alguns técnicos do Museu, estes mostraram-se preocupados por não existir um programa convenientemente definido, com objectivos muito concretos. Entre a direcção e os técnicos a relação não era fácil, pelo que se tornava complicado levar a cabo um trabalho eficiente, sobretudo no sector educativo onde não existe um trabalho continuado e só algumas visitas pontuais das escolas da região.

Vila Museu de PARANAPIACABA

Pequena vila fundada quando da implantação da Companhia de Caminho de Ferro, S. Paulo Railway. A implantação da ferrovia esteve directamente ligada à necessidade de aproximação dos centros de produção e comercialização de café, provocada pela alta de preços do café, provocada pela alta de preços do café no mercado internacional. Santos por ser porto de mar era onde se dava o escoamento dos produtos mas as terras em seu redor tinham esgotado

as possibilidades produtivas, era necessário aproximar Santos dos centros de produção.

A S. Paulo Railway era propriedade dos Ingleses, os quais fornecem os materiais e os equipamentos necessários à sua construção. Os trabalhadores utilizados nesta obra eram em grande parte, imigrante portugueses, havendo também italianos e espanhóis bem como escravos.

Deram início à fundação da vila a partir da construção provisória das habitações dos operários da S. Paulo Railway, cujas casas tinham "as necessárias acomodações higiénicas, dotadas de canalização de água potável e de esgotos..." Havia ainda a residência dos engenheiros ingleses, localizada no ponto mais alto da vila, a qual ficou conhecida por "castelinho" e de onde era possível aos funcionários mais graduados vigiar todo o aglomerado, a linha férrea e o trabalho desenvolvido pelos operários. Este local como é o ponto mais alto é também o primeiro a ser envolto pela neblina que cobre a vila várias vezes por dia, durante todo o ano. Hoje com os caminhos de ferro praticamente desactivados só é levado a efeito o percurso entre Paranapiacaba e S. Paulo, e o "castelinho" passou a Museu, bem como a vila. No entanto a maior parte deste Património está totalmente ao abandono e a degradar-se à excepção da oficina de Paranapiacaba que está restaurada e conservada, assim como algumas máquinas. As casas, chalés em madeira características do tipo europeu romântico, estão também a degradar-se, embora muitas ainda estejam habitadas.

O Museu ainda conserva alguns dos objectos deixados pelos Ingleses, mas a maioria do seu acervo pertence ao trabalho dos ferroviários, quem cuida dele é uma senhora que trabalhou com o seu marido, já falecido, na ferrovia. Esta senhora idosa tem muitas histórias para contar sobre o desenvolvimento da vida naquela vila, da relação dos portugueses e dos ingleses.

Vila muito bonita, até pelo clima que a rodeia com as quatro estações no mesmo dia, tem grandes potencialidades para um trabalho a desenvolver pelo museu ao qual está directamente ligada, Stº. André, mas que pela distância e as consequentes dificuldades de ligação bem como pela falta de perspectivas do Museu de Stº. André,

será difícil levar à prática qualquer acção. A população, com as dificuldades económicas em que todo o Brasil vive, não terá concertada vontade nem condições de tomar em mão a sua história e reabilitá-la.

II PARTE - RIO DE JANEIRO

1. ESTÁGIO NO MUSEU DA FUNDAÇÃO CASTRO MAYA

No Rio de Janeiro o estágio prosseguiu no Museu da Fundação Castro Maya.

Esta fundação é constituída pelo conjunto dos Museus Castro Maya, o Museu da Chácara do Céu situado em Santa Teresa e o Museu do Açude situado no Alto da Boa Vista, na Floresta da Tijuca. Estes dois espaços constituíam as residências de Raymundo Ottoni de Castro Maya, "Industrial, pioneiro da preocupação ecológica, editor de livros, coleccionador, fundador de Museus e Sociedades Culturais e defensor do Património histórico". Participou na vida pública através de artigos de opinião em jornais da época.

Em 1943 foi convidado para coordenar os trabalhos de remodelação de floresta da Tijuca onde tinha uma residência. Criou a Fundação com o seu nome à qual doou a casa do Açude, ainda em vida, e por testamento, a casa de St^a. Teresa com tudo o que continham.

Hoje esta fundação pertence ao Instituto Brasileiro do Património Cultural IBPC. Cada um dos espaços que o constituem tem objectivos de trabalho diferenciados. Na Chácara do Céu é privilegiado o trinómio: Museu, Arte, Cidade, enquanto no Museu do Açude o privilégio se situa em Museu, Natureza, Cidade.

No entanto a educação artística ou a educação ambiental que são trabalhadas em cada caso específico englobam as diferentes leituras do mundo, transcendendo as disciplinas, são uma atitude em relação à vida. Objectivamente pretendem: "vivenciar as experiências junto às crianças e não tentaram transmitir-lhes conhecimentos usando o acervo cultural para informar e desenvolver as capacidades sensitivas".

Ao iniciar o estágio na Fundação Castro Maya fui recebida por Vera Lencar Directora da Divisão de Educação, a qual fez um breve resumo de toda a estrutura do Museu, o seu modo de funcionamento e as actividades em curso. Fui apresentada a todos os técnicos,

trabalhadores e ao director do Museu, Carlos Martins, de todos recebendo as boas vindas, como estagiária portuguesa.

Nos dois primeiros dias de estada no Museu visitei todos os sectores do Museu na Chácara do Céu onde cada técnico me expôs o seu trabalho e referiu as dificuldades sentidas no seu sector.

Só depois de ter um conhecimento do Museu me foi possibilitado ter um contacto mais próximo com o sector educativo, assim como os projectos em curso.

Em Janeiro de 1991, foram dadas algumas directrizes para os programas educacionais dos Museus Castro Maya (resumo de uma comunicação de Vera Lencar em Jan/91).

Assim, baseando-se no conceito "de que o Museu é um centro de comunicação onde se propõe a participação e se estabelece o diálogo entre o emissor e o receptor", consideram que o museu não pode transformar-se numa sala de aula tem que ter uma dinâmica própria, podendo ser um centro de documentação sistemática e de pesquisas. Os projectos assentam na educação não formal, privilegiando a definição da Unesco: "educação não formal é toda e qualquer actividade educacional organizada fora do sistema escolar estabelecido, com vista a servir clientelas identificáveis e atender objectivos determinados".

O objectivo geral é apresentar os Museus Castro Maya como casas de cultura e lazer, através da sua história e acervo, providenciando a sua intima articulação com vida cultural da cidade do Rio de Janeiro, e, prioritariamente com os bairros onde estão inseridos.

Os objectivos específicos consistem na oferta de oportunidades de explorar o potencial educativo dos museus; oferecer o espaço dos museus, para lazer e enriquecimento cultural, através de cursos, debates, programas musicais, desportivos, etc..

O público alvo são as comunidades de St^a. Teresa e do Alto da Boa Vista, discentes e docentes das redes de ensino particular e oficial e o público em geral. Oferecem ainda o espaço do Museu a professores de artes plásticas, música, danças, artes marciais, etc., para que estes formem turmas de alunos com um determinado número,

esses alunos pagam as aulas aos professores; em contrapartida os mesmos professores oferecem o mesmo tipo de aulas grátis para as comunidades mais carentes. O critério de selecção dos cursos e ou actividades é determinado pelo Museu, o qual anteriormente ouve os moradores de St^a. Teresa, os quais são convocados a participar de reuniões onde podem dar a sua opinião e mostrar os seus interesses e preferências.

O Museu da Chácara do Céu têm um grande acervo de pinturas, esculturas, mobiliário, prataria e outros objectos de arte de diferentes épocas de Cândido Portinari onde se inclui uma série de desenhos de D. Quixote. Permanentemente o Museu mantém a sala de jantar e a biblioteca mais ou menos como as deixou Raymond Castro Maya, são as exposições permanentes do Museu.

O Museu promove periodicamente exposições temporárias, em Outubro e Novembro de 93, estava montada a exposição "Portinari para Crianças". Nesta exposição a proposta educativa visava introduzir as crianças no universo do pintor e de sua obra, permitindo a integração criança/trabalho/arte, através das obras seleccionadas como os temas: trabalho, jogos infantis e festas populares". Como o nome indica era uma exposição realizada intencionalmente para as crianças com uma museografia adequada, dividida em duas salas. Na entrada do Museu estava suspenso um grande "papagaio de papel" e era a sua cauda que fazia a ligação entre as duas salas onde se encontrava a exposição. Os quadros estavam colocados a uma altura de possível observação para as crianças, as legendas foram simplificadas e na primeira sala havia esteiras no chão, para que as crianças se pudessem sentar e observar com mais atenção, na segunda sala o chão era alcatifado.

Foi produzido material didáctico, uma folha chamada de "folha activa" para dois níveis etários: dos 5 aos 8 anos e a partir dos 9 anos. Neste projecto a educadora do Museu, não acompanhava as visitas. Os professores que solicitavam uma visita eram convocados para um reunião, que funcionava uma vez por mês, em grupo, nessa reunião era-lhes fornecida toda a informação sobre a exposição, um roteiro e o material didáctico, e depois eram eles que guiavam a visita.

Acompanhei duas visitas de escolas públicas. Na primeira visita os alunos eram adolescentes da 8ª. série de escolaridade. A professora que guiou a visita não seguiu o roteiro proposto, visitou todo o museu, pelo que os alunos se desmotivaram e a partir sensivelmente do meio da visita, a professora ficou unicamente acompanhada por 5 alunos a ouvirem com alguma atenção as suas explicações. A segunda visita foi levada a efeito com um objectivo determinado, o de proceder à avaliação do projecto que estava a finalizar. A turma era do 4º. ano de escolaridade, portanto crianças com cerca de 10 anos. Foram convidados para avaliar o projecto, técnicos de outros museus que também acompanharam a visita. As crianças mostraram-se interessadas e participaram no preenchimento da folha activa, sobretudo na primeira sala. Após a visita, as crianças dirigiram-se para o atelier, onde lhes foi proposto que fizessem um desenho sobre o tema: "O Trabalho e o Jogo", utilizando a técnica da monotipia. Após visita, os avaliadores juntamente com os responsáveis pela exposição reuniram-se, e, cada um, após ter preenchido uma espécie de questionário sobre a visita, deu a sua opinião sobre a visita observada.

Este projecto era bastante interessante, embora tenha algumas reservas, a exposição era demasiado grande, ou mais concretamente, pedia-se a atenção das crianças para muitas obras e muitos pormenores, o que tornava difícil a sua concentração, sobretudo no que diz respeito à segunda sala. Na escolha do tema para a exposição, bem como na sua concepção, os professores que são convidados para a visita à exposição e servem com os seus alunos para testar a avaliação do trabalho, não são chamados em nenhum momento a dar a sua opinião, e mesmo a contribuir com a sua experiência pedagógica. A conjugação dos saberes do professor e dos técnicos bem como a troca de informações provavelmente só iriam beneficiar o trabalho com as crianças.

Outros dois projectos estavam a ser desenvolvidos pelo sector educativo. O primeiro "Um Dia no Museu" era um projecto iniciado no ano 1993 e dirigido a alunos da 8ª. série do 1º. grau das escolas Municipais, já adolescentes. O objectivo a atingir era o conhecimento da História de Arte e também o conhecimento do museu nos seus

mínimos detalhes, na sua infraestrutura, desde a exposição até ao trabalho dos sectores de museologia, pesquisa, educação, comunicação. O projecto estava dirigido aos alunos da 8ª. série devido a este ser um ano terminal do 1º grau o qual dá a possibilidade de ingresso num curso técnico profissional, motivando assim os alunos para a área da museologia. Outro motivo que levou a responsável do projecto a dirigi-lo para esta fase etária, teve que ver com o desenvolvimento intelectual dos alunos, capazes de assimilar as informações dadas. A visita estava estruturada através do esquema seguinte: iniciava-se com uma conversa da responsável do projecto, com os alunos, sobre o museu, sua história e a do patrono, posteriormente visitavam todo o Museu, seguia-se uma pausa para merendarem, em seguida dividiam-se em dois grupos e passavam à visita dos vários sectores do museu onde os respectivos técnicos lhes explicavam à visita dos vários sectores do museu onde os respectivos técnicos lhes explicavam o funcionamento da sua área. Finalmente eram encaminhados para o atelier de artes plásticas onde eram convidados a desenhar as suas impressões sobre a visita. O máximo de alunos proposto era de 20, e, este projecto funcionava uma vez por semana às quartas-feiras. A merenda era patrocinada pela Mc Donald e o material de artes plásticas pela Secretaria Municipal de Educação.

Acompanhei uma visita, e considero que o projecto estava bem estruturado, os adolescentes mostraram-se muito interessantes, principalmente na segunda parte da visita. O professor que os acompanhava era professor de arte, estava bem informado e ajudou muito durante toda a visita, desde esclarecer os alunos sobre alguns assuntos bem como na formulação das perguntas aos técnicos.

O terceiro projecto que se designava por "Projecto Carioca de Engenharia Musical" e se desenvolvia nos dois espaços da Fundação, Museu Chácara do Céu e Museu do Açude, era um projecto que já se desenvolvia há dois anos. Os seus destinatários eram as crianças das escolas da rede de ensino público do Rio de Janeiro, com idades compreendidas entre os 10 e os 16 anos, visando o contacto directo com músicos e compositores. O objectivo era estimular a sensibilidade musical e formar futuras plateias. No projecto o tipo de

música escolhida contemplava a Música Popular Brasileira e a música Erudita, os músicos explicavam o que tocavam, quais os instrumentos usados e qual o seu funcionamento: Este projecto foi patrocinado pela "Carioca Christiani-Nielsen Engenharia S. A.

Fui assistir à sessão final do ano 1993 que juntou várias escolas e se transformou numa grande festa, os músicos convidados eram a Bateria Mirim da Mocidade Independente de S. Miguel, constituída por os representantes mais pequenos de uma escola de Samba. A Festa foi uma festa a valer, as crianças e os adultos dançaram ao som da bateria, o entusiasmo foi grande a finalizar mais um ano de êxito do projecto.

Finalmente considero que o trabalho desenvolvido por este museu, em que o sector educativo é de primordial importância, é muito interessante e positivo.

Pude observar que as crianças já possuíam conhecimento de arte, e cor, as formas, as texturas não eram conceitos estranhos. Por outro lado através das obras de arte era possível adquirir conhecimentos de história, bem como eram evidenciados problemas sociais que as obras contêm nos seus temas. Com o finalizar das visitas no atelier era possível tirar algumas conclusões sobre a interiorização do trabalho desenvolvido durante a visita, que de uma forma geral era positivo. Os trabalhos realizados no atelier eram expostos no fim da semana seguinte e as crianças recebiam um convite para visitarem essa exposição com seguinte e as crianças recebiam um convite para visitarem essa exposição com os pais, para completar o ciclo.

2. TRÊS MUSEUS

Museu Nacional de Belas Artes, este museu têm um belo espaço arquitectónico, com galerias bem conservadas e espaçoso. Quanto à exposição permanente, nada tinha de especial, diria mesmo que era pouco interessante, assim como as exposições temporárias.

No entanto, no 3º. Piso do edifício têm uma galeria nova, denominada "Galeria de Arte Brasileira, Séc. XX", onde estava montada uma exposição retrospectiva da arte brasileira do Séc. XX, a

museografia desta exposição estava relativamente bem resolvida, segundo o meu gosto pessoal para uma exposição estava relativamente bem resolvida, segundo o meu gosto pessoal para uma exposição de arte. Era possível seguir um percurso lógico e bem organizado sem no entanto ser forçoso percorrer o percurso delineado.

Museu de Arte Moderna, situado junto à baía do Flamengo, no Parque do Flamengo, com um amplo espaço arquitectónico, bom para exposição. Em 1978 foi vítima de um incêndio que lhe destruiu a galeria de exposições e a maior parte do acervo. Durante alguns anos a grande preocupação foi a recuperação dos edifícios e a recuperação do acervo.

Gilberto Chateaubrian tem sido o grande mecenas deste museu, depositário da grande colecção de arte moderna contemporânea, que o industrial foi construindo ao longo dos anos, para além de outros amigos do Museu.

Na altura em que visitei só tinha exposições temporárias. Pessoalmente, gostei da exposição de "Retratos da Colecção Chateaubrian", pela forma como estava realizada e também pelo tema. As outras exposições que se encontravam em exibição também estavam bem realizadas.

Museu de História Natural, pertencente à Universidade do Rio de Janeiro. Instalado num palácio com espaços completamente degradados, onde estavam montadas duas exposições temporárias com algum interesse, com objectivos bem definidos e uma museografia pensada para motivar o visitante. O resto do Museu, que é enorme têm várias exposições permanentes, velhas sem nenhum interesse. São salas e salas enormes com expositores uns atrás dos outros, com animais embalsamados, trajes, ornamentos, etc., a degradarem-se e ali colocados há anos sem um programa bem pensado e com objectivos muito definidos.

III PARTE - VISITA ÀS CIDADES HISTÓRICAS: OURO PRETO, MARIANA E PARATY

Ouro Preto é uma vila com uma ligação muito forte a Portugal, desde arquitetura colonial em tudo idêntica à Portuguesa sobretudo do Norte do País, à sua história. Com a descoberta do ouro (neste caso ouro preto, o ouro estava revestido por uma camada de Paládio) várias expedições foram enviadas para localizar o achado, e, em 1698 o ouro começa a ser explorado e enviado para Portugal. Com esta descoberta a fama destas paragens cresceu levando muitos portugueses a deslocarem-se para este local. As primeiras edificações foram capelas e casebres simples, mas estas construções simples deram lugar a belas moradias de estilo colonial bem como a igreja de estilo Barroco. Em 1720 dá-se a primeira conspiração contra Portugal, prontamente debelada. A vila que na época tinha o nome de Vila Rica contava no século XVIII com cerca de 50 mil habitantes, uma sociedade endinheirada, mas onde havia cerca de 12 000 escravos que viviam de uma forma sub humana, que os "senhores" castigavam sem piedade. Por vezes alguns fugiam para as terras que rodeavam a vila, terra de ninguém, onde formavam pequenas comunidades "os quilombos" de onde assaltavam os viajantes. Mas, se eram capturados eram chicoteados e marcados com um ferro em brasa.

Em 1788/89 dá-se nova conspiração contra Portugal liderada pelo famoso Tiradentes e os Inconfidentes, seus seguidores. No entanto, mais uma vez a conspiração era abafada, devido à denúncia de um residente português. Os conspiradores foram feitos prisioneiros sendo deportados para outras colónias portuguesas e Tiradentes foi condenado à morte.

Vila Rica tornou-se a capital do Estado de Minas Gerais com o nome de Ouro Preto. Em 1871 todas as crianças nascidas de escravos tornavam-se por lei "Lei do Ventre Livre", pessoas livres, e, em 1888 com o Brasil já independente, todos os escravos passaram a ser homens livres através da Lei Áurea.

Ouro Preto é considerada Monumento Internacional desde 1980 (Informações do livro: "Vila Rica, Ouro Preto, Verdade e Lenda" de MAJGUSTAFSON).

Em Ouro Preto foi possível visitar o Museu da Inconfidência e o Museu do Aleijadinho. Qualquer deles mal organizado, limitam-se a ter uma porção de objectos em exposição, se é que se pode considerar que aqueles objectos estão em "exposição", o acto de "expor" é qualquer coisa mais. No Museu da Inconfidência estão expostos os objectos dos Inconfidentes e muitos objectos da história de Ouro Preto, a visita foi guiada por uma senhora que explicava toda a história da inconfidência, dos amores dos Inconfidentes e do resto da história, com uma rapidez tal que não era possível ver os objectos para conseguir ouvir a história.

Foi ainda possível ver algumas das igrejas que são muitas, mas para entrar é necessário pagar, a não ser que esteja a decorrer uma missa.

No fim de semana que estive em Ouro Preto decorriam as festas de N^ª. Sr^ª. do Rosário, com Procissão e Missa Conga. É uma festa que resgata uma tradição do século XVIII. Chico Rei, escravo mas Rei Africano que em dada altura conseguiu comprar a sua liberdade e a do filho, assim como uma mina de ouro cujo proprietário a vendeu pensando que a mesma já estava esgotada, encontrou um filão, tornando-se rico e mandou construir a Igreja do St^ª. Efigénia. Então Chico Rei desfilava com a sua corte nestes bairros onde vivem ainda muitas das pessoas descendentes dos antigos escravos, e era cumprimentado pelos Reis Congos. Festeiros com as suas Rainhas e Guardas, hoje grupos da Cultura Popular de Ouro Preto. Esta procissão enorme que se tornou numa manifestação religiosa conjugada com ritos pagãos, é um espectáculo deslumbrante de cor e ritmo. Finalmente este espectáculo terminou numa missa congo, missa que no século XVIII era só para escravos com um ritual diferente e celebrada fora das portas da Igreja, onde os reis congos tinham uma importância fundamental.

VILA MARIANA

Vila pequena situada a poucos quilómetros de Ouro Preto, cuja arquitectura também tem características coloniais, bem conservada.

Só foi possível visitar o Museu Arquidiocesano, devido ao dia da semana ser 2ª. feira e ao mesmo tempo feriado, consequentemente todas as igrejas e museus de encontravam encerrados. O Museu Arquidiocesano tinha uma exposição permanente de algumas obras de arte, pratas portuguesas, mobiliário e objectos pertencentes ao culto cristão, expostos de uma forma pouco interessante e até certo ponto desorganizados.

PARATY

É uma vila histórica, candidata a Património da humanidade. O seu centro histórico têm algumas características interessantes e especialmente na arquitectura, as casas são todas idênticas entre si, com as janelas em forma de guilhotina e as portas em madeira trabalhadas, fazem lembrar a arquitectura popular portuguesa, principalmente a do Norte de Portugal. O traçado das ruas é um reticulado quase perfeito, e o calcetamento das ruas, segundo o livro "Paraty" de Thereza e Tom Maia/91, já no ano de 1820 as ruas se apresentavam quase todas calçadas, o calçamento era chamado de "pé de moleque". O mais curioso são os desenhos geométricos que podemos observar nas fachadas das casas, parece que a sua origem tem que ver com influência maçónicas existentes na vida local.

Como toda a Sociedade Brasileira, a população de Paraty era e é muito religiosa, mas no século XVII e XVIII havia divisão entre as pessoas que diziam respeito à cor do indivíduo. Esta divisão teve consequências na construção das igrejas, ainda hoje existentes, a de Nossa Srª. do Rosário albergava o culto cristão africano para os escravos, a de Nossa Srª. dos Remédios pertencia aos brancos burgueses, a de Nossa Srª. das Dores era onde a elite branca celebrava o culto e a Igreja de Stª. Rita acolhia os "pardos forros". No fim de semana que permaneci em Paraty decorria a festa dedicada aos

padroeiros dos antigos escravos: São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, actualmente para todas as raças, sem discriminações. A festa compõe-se de procissão das bandeiras, na noite de sábado e no Domingo de manhã há missa na Igreja de Nossa Senhora do Rosário enfeitada de azul e branco, com a imagem do S. Benedito presente. Entretanto, com a procissão das bandeiras chegam à igreja o Rei e a Rainha, neste caso duas pessoas de raça negra, que transportam nas mãos a coroa e o ceptro, os quais são oferecidos de presente na cerimónia das ofertas. No fim da missa são distribuídos a todas as pessoas pequenas cestas com saquinhos, que simbolizam o tempo em que os escravos só comiam melhor no dia de São Benedito.

Mas Paraty é sobretudo uma vila turística, nas ruas do centro histórico quase todas as casas são lojas de artesanato, restaurantes e agências de viagens que promovem passeios de barco pelas ilhas ao largo de Paraty. Para lá do centro histórico a vila desenvolveu-se desorganizadamente, e apresenta um aspecto degradado, muitas das ruas ainda por calcetar e os esgotos a céu aberto, o que em certos locais juntando o cheiro com o calor torna a vila pestilenta.

CONCLUSÃO

Uma das razões que me levaram a escolher o Brasil para fazer um estágio em Museologia, e já referida na introdução, foi o interesse em conhecer uma cultura diferente mas próxima da língua e também nas raízes. Esta razão foi concretizada em parte, devido há dimensão do país e a uma cultura muito heterogenia, embora seja praticamente impossível atingir este conhecimento plenamente; no entanto este encontro com o povo brasileiro foi diferente, é um povo colorido e surpreendente, apesar dos problemas com que se debate hoje em dia. Pessoalmente gostei do convívio e da forma extremamente cordial como fui recebida.

Depois, e analisando concretamente o trabalho como estagiária gostava de referir a diferença na formação em museologia; no Brasil esta formação já existe há muitos anos, ao contrário de Portugal onde se há relativamente pouco tempo se formam pessoas no curso de pós-graduação em museologia, no ISMAG, com a designação de museólogos.

Pela descrição do corpo do relatório, pode-se observar que o trabalho desenvolvido nos museus em que estagiei, e, ainda no Museu de Lasar Segall dá uma grande valorização do trabalho no sector educativo. A prioridade que a educação pela arte tem nestes museus contribui para uma formação integral da criança, desenvolvendo o sentido estético, a sensibilidade, a capacidade criativa bem como promove o interesse pelo meio que o rodeia e também pelos problemas do Mundo. A obra de arte como objecto museológico passa a ter como principal objectivo a transmissão de valores culturais, históricos e sociais.

É um facto que estes museus não têm um projecto ou programa revolucionário, mas as preocupações existentes na relação com a comunidade estudantil e mesmo, nalguns casos, com a comunidade local onde se situa o museu, é um factor muito positivo.

No entanto, há concerteza pontos críticos e factores negativos, mesmo nos sectores educativos e sobretudo na forma como é aplicada a metodologia da teoria de Ott/Ana Ma Barbosa; refiro-me

concretamente ao Museu de Arte Contemporânea da USP e principalmente ao projecto "De Olho no MAC", que segundo a minha opinião é mal conseguida, havendo pontualmente outras situações possíveis de critica.

Mas não posso deixar de dizer como esta experiência foi importante no aprofundar dos meus conhecimentos sobre a museologia e concretamente no trabalho do sector educativo. A possibilidade de observar o museu por dentro, num contacto directo com quem elabora os projectos de trabalho, e sente as dificuldades da sua implementação no dia a dia possibilita uma visão diferente do que é a museologia e o seu desenvolvimento para além desta experiência foi também possível colher referências que servem de ponto de partida para o trabalho que estou a tentar desenvolver no âmbito escolar, em actividades curriculares e extra-curriculares concretamente no Clube de Património, do qual sou responsável.

De tudo o mais que me foi possível visitar, num contacto com a cultura popular, com a cor e ritmo das missas e procissões, a musica e a arte, elementos que permitiram um prazer para o olhar e para o ouvido, contudo sente-se que o património cultural, os museus e o ambiente são problemas adiados, como quase tudo no Brasil. Mas, valeu a pena.

No finalizar deste relatório quero simplesmente agradecer entusiasticamente o apoio de todos os que tornaram possível esta experiência pessoal, - nomeadamente os técnicos, museólogos e restante pessoal dos museus a: Cristina Rizzi, Amanda Tojal, Margareth, Sílvio, Elly e Vera Novis do MAC/USP; NAYTE do Museu Butantã; Denise Grinspum do museu Lasar Segall; Vera Lencar, Dr. Carlos Martins, a Marta, a Isabel, a Nubia da Função Castro Maya. Ao Casal Petronilla Diniz e Sérgio que no Rio de Janeiro puseram a sua casa à minha disposição, dando possibilidade efectiva à minha estadia no Rio, um redobrado agradecimento como a todos os amigos de S. Paulo.

Mas nestes agradecimentos é necessário destacar ainda a amizade e o apoio especial da Cristina Bruno que me ajudou desde o primeiro

momento e me recebeu em sua casa proporcionando-me uma estadia inesquecível. A todos um grande obrigado.